

AURORA DA PENHA

NUMERO UNICO

De J. L. de Faria

EM BENEFICIO

DOS

MELHORAMENTOS DA PENHA

ESMOLA NÃO INFERIOR A 200 REIS

Promotores: ALBANO BELLINO e ALBANO PIRES

1886 — 29 D'AGOSTO — 1887



Antonio José Ferreira Caldas

Guimarães 29 de Agosto de 1887

ANTONIO JOSÉ FERREIRA CALDAS



SECULO XIX, cognominado o seculo da luz, é sem duvida, o que mais tem concorrido para o aperfeiçoamento e progresso da industria e civilisação.

O trabalho, a luminosa estrella da moderna civilisação, é a idéa fecunda e predominante d'esse seculo.

Parece-nos que, cada dia que desponta no horizonte, é uma nova idéa arremessada ao cerebro da humanidade. Mas, se detivermos a nossa attenção nos dominios sociaes, e lhes estudarmos as suas tendencias, para as avaliarmos em face do progresso, havemos forçosamente de vacillar ao estabelecer o parallelo. A sublimidade a que attingiu o trabalho, pelo impulso magestoso do progresso, parece ir muito além dos deveres e auxilio que a sociedade lhe devia prestar; porque a maior parte dos que a compõem, olvidam, fundados no illusorio alvitre d'uma vida socegada, que, para a fraternidade e solidariedade social, concorre poderosamente a união de vontades n'um emprehendimento honroso, que possa ser um monumento para a sua patria.

É, pois, quando no meio d'essa sociedade apparece um homem impolluto, abraçando heroicamente a brilhante idéa — o progresso da patria — que temos a restricta obrigação, purificada no cadinho do dever, de lhe prestar a devida homenagem, illustrada pela mais firme dedicação.

Nós, um dos mais obscuros membros da commissão promotora de melhoramentos na Penha, não podiamos, ao commemorar o primeiro anniversario da nossa dilecta instituição, deixar de render publicamente, o testemunho do mais subido reconhecimento, ao cidadão respeitavel, ao cavalheiro devotado com todos os ardores d'uma alma apaixonada, ao aformoseamento d'essa montanha, que, levantando-se cheia de radiantes bellezas

ao nascente d'esta cidade, tambem lhe fórma o diadema de mimosos recreios.

*
* *

Era nosso intento delinear a biographia do illustre protector dos melhoramentos da Penha, mas a que virá essa biographia do passado, se os actuaes serviços demonstram exuberantemente quem foi, quem é, e quem ha de continuar a ser o snr. Antonio José Ferreira Caldas?!

Pela alvura dos louros da idade que lhe adornam a nobilissima fronte, vê-se claramente que é um velho (desculpe-me s. exc.^a o qualificativo): mas um velho que tem a actividade de um joven; um velho que trabalha sempre, enchendo-nos de admiração ao vê-lo subir o elevadissimo caminho da nossa formosa Penha, como se ainda estivesse nas suas vinte primaveras.

É um trabalhador incansavel. No desempenho dos seus negocios e nos dos seus amigos, é inexcedivel. A sua carteira anda sempre repleta de apontamentos, mas a sua efficacia em breve elimina uns, para logo serem substituidos por outros, não menos trabalhosos.

Como vimaranense é um prototypo da nossa sociedade; as suas idéas são o progresso d'esta cidade. Para isto, não só emprega o seu indispensavel trabalho: a sua algibeira está sempre prompta para o que fôr justo e nobre.

Não proseguimos nas nossas divagações, temos receio de susceptibilisar a sua exagerada modestia. Ahi está o seu retrato... e se a physionomia é o espelho da alma, poder-se-ha avaliar por elle, que possui uma alma generosa, sempre prompta a praticar o bem: um character nobre e honrado aonde se destaca sympathicamente a energia para os grandes emprehendimentos, e a vehemencia das suas nobres convicções.

Se o leitor ao analysar o retrato encontrar estes predicados, conserve-os... são elles a lucida biographia do nosso heroe!

*
* *

Agora que terminamos a semi-biographia do verdadeiro apaixonado da Penha, vamos tambem juntar a

essa modestissima homenagem, algumas das singulares impressões que nos têm alvoroçado o coração n'essa mimosa estancia.

Como és formosa, ó altiva Penha!

Ao vêr-te cercada de tão sublimes encantos, quem poderá verberar o desejo de ir calcar os teus granitos!

Tens ahí cavernas que são um mimo, e na amplidão que superas as impressões edenicas.

Tens ahí penedos que donairosamente te engrinaldam, e no espaço que abranges o surprehendente panorama de innumeradas campinas.

Tens ahí attractivos que seduzem, e no vastissimo horisonte que dominas o imperio de fascinação.

És assim... quando só te adornam os primores da natureza; mas agora que a fecundante aurora do progresso começou a envolver-te nas crystallisações da sua luz, serás o esperançoso ideal de todos os que adoram esse conjuncto de bellezas.

ALBANO PIRES.

NA CARTEIRA D'UMA CRIANÇA

Aprende cedo, e não esqueças nunca, minha loura *baby*, que a missão da mulher sobre a terra, se resume toda n'estas singelas palavras, *amar e soffrer*.

Amar, tudo quanto fôr elevado e puro; *quem não ama está morto*, repete amiudadas vezes o sublime desterrado de Pathmos.

Amar até ao heroismo, soffrer até ao martyrio, eis a legenda que a mulher deveria escrever sobre o seu coração, com as letras de todas as virtudes.

Bebendo na fonte do puro amor, a sciencia de bem amar, não temeria ella mais os grandes revezes da fortuna, nem as pequenas contrariedades da vida domestica.

Immortalisar-se-lia no amor divino, como The-reza de Jesus, no affecto maternal, seria nova Cornelia, na dedicação filial imitando Maria de Sombreuil, ou então outra La Valette, heroína do amor conjugal.

Mas tu, *baby* dos olhos azues, por ora, nem ao menos comprehendes talvez, que immenso affecto resumem os beijos de tua mamã; não importa, ella beija-te sempre, porque bem sabe que ao calor d'esses osculos santos, germinará em teu coração, a sementinha do amor, que o Senhor n'elle lançou. E mais tarde, has de amar, minha filha, que tal é a tua missão, e soffrerás resignada e tranquilla, á sombra da arvore do amor, cujas raizes se irão es-

tendendo pelo teu coração, e os ramos, elevando-se até ao céu, receberão em suas folhas viçosas as gotinhas preciosas do orvalho celeste.

Vieira, agosto de 1887.

Virginia d'Abreu.

A AMELIA VIEIRA

(Viuva de José Carlos dos Santos)

Na vida ha dois caminhos:
Juncado, um, de rosas,
Conduz-nos ao — Prazer. —
O outro, todo espinhos,
Asperimo e sombrio:
A senda do — Dever. —

Foi este o que preferiste.
Na estrada escura e tremente
Deixaste um sulco de pranto
N'uma tragedia pungente.

Agora, porém, de subito,
D'essa tristissima historia,
Surge a luz que te illumina,
Radiosa luz: — a Gloria!

Lisboa, 14 — 4 — 87.

Guiomar Torreção.

UMA VISÃO A FUGIR ¹

Que o leitor benevolo me releve na sua complacencia, lhe peço, estas pobres linhas que vão correr, e que me faça ainda o favor, se é possível, de tentar uma audaciosa viagem, menos difficil, contudo, que a dos illustres exploradores das nossas possessões africanas.

Peço-lhe que se aventure a subir, passo a passo, a serra alpestre de Santa Catharina, por antonomasia a *Penha*, que assim se denomina aqui na minha querida terra.

Que vá de estancia em estancia, descançando e conversando amigos pela encosta acima.

Que se anime no esforço e que suba e... suba até chegar ao alto.

Ahí, alguns instantes de fôlego, ar puro e perfumado por matagaes tosados e pedregosos, por bosques e por flôres silvestres; do pródigo frasco, umas generosas gottas de conforto que vença em toda a linha, as traiçoeiras gottas do cansaço.

Tudo assim disposto, que o leitor se arrisque a penetrar no sobranceiro labyrintho d'essas arremessadas penhas — massas formidaveis — que por lá se esbarram, precipitas, n'um titanico abraço.

Que suba, se puder, á mais erguida cabeça dos gigantes; que das alturas cyclopicas d'essa rudesza nua, deixe ir os olhos cahindo e desdobrando a peregrina tela do paisagista, pela encosta abaixo.

Depois... a amplidão luxuosa da planície e a cidade e os casaes dispersos.

De lado, a palheta! E que o próprio idyllio emmudeça diante da exuberancia d'aquella vida e da pompa inimitavel d'aquellas tintas!

Que o leitor fique ahí por um pouco, como no enlevo de um sonho e que depois, pelo crepusculo da tarde, como desperto e impellido pela

¹ E a visão não voltará, por certo, se a mão dos homens fizer da Penha o que ella não quer ser: garrida, mutilada ou mascarada.

impaciencia de subitas aspirações, alongue a sua vista até á linha extrema e cinzenta do horisonte e deixe-a mergulhar com o sol, nos abysmos do oceano.

Que medite... que se transporte do lyrico até ao epico, do suave até ao sublime; que sinta fugir-lhe a terra debaixo de seus pés; que se deixe ir, ebrio do ideal, como arrebatado nas azas de uma aguia, que olhe cada vez de mais alto e com mais luz, e que o rumor da terra que deixou, perdido na immensidade do espaço, não vá desafinar em seu ouvido absorto a immensa harmonia dos mundos e o eterno cantico d'essa natureza colossal que o submerge e que pesa bem menos, que o atomo imperceptivel chamado homem!

Que depois d'isto, me diga se o subir á Penha, ainda á custa de fadigas e de confortos, não é realizar uma ascensão!?

Se não é subir e subir verdadeiramente n'uma das accepções d'esta palavra, mais poeticas e encantadas!?

Subir! Verbo que fallas em todos os espiritos e que te conjugas em toda a lingua!...

Oh jardins suspensos de Semiramis, que já foram!

Oh tumulos dos Pharaós! Impavidos colossos que ficas de pé, na torrente devastadora dos seculos!

Oh cupula de Miguel Angelo que te queres arrojara para o Infinito!

Oh maravilhas do genio e da fé! Excelsas cathedraes da idade média!

Oh pyramides soberbas! Oh agulhas que rasgaes as nuvens!... Oh torre Eiffel!... que tormento seria o meu de vos não ter subido, se eu não soubesse, por mim, quanto valia o ter subido á Penha!

Guimarães, 10 de agosto de 1887.

S. DA COSTA VIEIRA LEITE.

MARES

Lá no profundo, e tumultuoso mar,
O nácar gera a perola luzente,
Que brilha como o pallido luar
D'uma noite no seio transparente.

Assim tambem no mar das minhas mágoas,
A dôr gerou o pranto abençoado,
Que resalta através as duras fragoas
Como um celeste balsamo sagrado...

Albertina Paraiso.

Ha em Portugal pontos de vista tão grandiosos, d'onde se desenrolam panoramas tão bellos e vastos, que o viajante fica absorto na sua contemplação, e deslumbrado da esplendida natureza que o cerca.

Todos fallam das magnificas paisagens da Suissa, das bellezas meridionaes da Italia, das melancolicas montanhas da Escocia coroadas pelos seus rendilhados, toucados de neveiro, e a maior parte da gente, que tem visitado todos estes pontos, estacionado nas margens dos lagos de Genebra ou de Como, encantando-se nas paisagens do Clyde, contemplando as catadupas do Rheno ou subindo ás altas montanhas do leste da França, e falla com enthusiasmo do que viu lá por fóra, ignora o quanto ha de bello no nosso paiz.

Mal sabe as impressões que experimenta o observador e o artista que visita algumas das nossas provincias, e o quanto a natureza foi prodiga com o nosso pequenino Portugal.

De todas as provincias, a que nos offerece panoramas mais pittorescos e risonhos, mais deliciasos e bellos, é sem duvida a do Minho, que Sulth disse, antes se deveria chamar o Mimo, pela sua luxuriante vegetação, pela amenidade do seu clima, pela natureza dos seus fructos, e pelo pittoresco dos seus valles. No Minho, o viajante encontra tudo quanto agradavelmente o impressiona: o esplendor

da natureza, a affabilidade dos habitantes e a belleza esthetica e plastica das suas mulheres, que offerecem modelos mil, ás mais graciosas cópias.

Uma das impressões que mais se nos gravou no espirito e se nos conserva n'alma, é a do tempo que permanecemos em Guimarães, notavel por tantos titulos, e principalmente pelo seu heroismo.

Todos conhecem Guimarães, essa cidade de gloriosas tradições, testemunha das grandes luctas da monarchia, patria de tantos heroes, berço dos nossos reis, centro de grande commercio, repositório de variadas industrias, e cujos habitantes dotados da indole a mais leal, estão sempre promptos a sacrificar-se pelas idéas generosas, e a comprehenderem no mais elevado grau todos os progressos de ordem moral e material.

Proximo de Guimarães eleva-se o monte de Santa Catharina, no qual se ergue entre enormes penedias a formosa ermida de Nossa Senhora da Penha, e d'onde se disfructa um dos panoramas vastos, o mais bello que temos visto.

Este local é tão attrahente que dá vontade de viver alli eternamente, no esquecimento do mundo e na adoração da natureza!

Quem vai de Braga a Guimarães e segue a estrada, que vai serpenteando as montanhas, vendo desenrolar-se formosissimos vales, opulentos canteiros e verdejantes prados, sente quanto a natureza abençoou tão opimo torrão.

Quando a estrada volta á esquerda e se aproxima da cidade, apparece-lhe como n'uma vista theatral o formoso morro da Penha com todas as suas bellezas d'um encanto inexcédível.

Visitamos o monte Espinho onde se firma o Santuario do Bom Jesus do Monte, contemplamos do alto do escadorio e das torres esse horisonte immenso cercado de mil vegetações diversas, que deslumbra e encanta, mas nada encontramos tão melancolicamente dôce, tão cheio de idyllios e arroubamentos como a Penha com todas as suas bellezas dos mais variegados effeitos.

Passamos alli uma noite que nos ficará eternamente memoranda; a sua ou toda a sua magestade illuminava as verdejantes campinas, dando um todo phantastico á vastidão do horisonte.

As varias povoações que em torno se avistavam, festejavam no outro dia o seu orago, e como precursor do festivo dia, engrinaldavam a cupula celeste de fogos de diversissimas côres, que produziam o mais deslumbrante effeito.

Nada mais bello nem mais surprehendentemente maravilhoso! Devemos á obsequiosidade do illustre vimaranense o snr. Antonio José Ferreira Caldas, nosso distinctissimo amigo, o mais fidalgo acolhimento, e as 24 horas mais bem passadas da nossa vida. Os vimaranenses são quasi todos fidalgos, uns por nascimento, outros por indole, outros por uma aprimorada educação, que captiva e encanta, e a que é difficil corresponder.

Caldas é tudo quanto ha de mais genuinamente portuguez, e de mais amavelmente obsequiador. Tratou-me como tratam os minhosos os seus hospedes, com uma affabilidade tão captivante, que não encontrei quem o exceda.

É um carola pela Penha, e quem lhe diz bem da Penha é o seu homem. Nada ha que progrida sem um carola, e esta classe vai hoje rareando no nosso paiz, porém o meu amigo Caldas é fanatico.

A Penha deve-lhe muito, e como é o homem mais constante que conheço, se tiver vida ha de dar-lhe um poderoso impulso.

Os vimaranenses possuem na Penha uma formosa maravilha, e convencemo-nos, que se não desanimarem do proposito de dotar aquelle local com os melhoramentos que requer, em breve será tão conhecido como o Bom Jesus, e visitado por quantos amam o bello.

Os progressos que advirão a Guimarães serão por certo compensadores dos sacrificios que os habitantes d'este concelho possam fazer para transformar aquelle aprasivel local n'um dos primeiros do paiz.

Coragem, energia, dedicação e persistencia, ninguem as tem maiores; por isso fazemos votos pela prosperidade d'um povo digno de todo o enthusiasmo e admiração.

F. J. Machado.

OS HEROES

De nada vale o bronze e a lapide marmorea.
G. JUNQUEIRO.

Escreve ha muito a Historia uns largos elogios
em prol da monarchia ; e *Bellos, Magnos, Pios,*
Catholicos e Bons ou Castos e Prudentes
são os pregões de gloria, os rotulos esplendentes
do pantheon real... o vicio e as podridões
são cousas de plebeus, são cousas de peões.
Os reis são sempre heroes — heroes que valem mil —
inda que peçam paz ou fujam p'ra o Brazil ;
d'alguns o heroismo é d'outros apanagio,
nas salas d'um palacio alastra-se ao contagio...

Mas o heroe p'ra mim é quasi sempre obscuro...

Ah! quantos histriões os echos do futuro
fizeram percutir, faltando-lhes valor,
a constancia, a firmeza, a lealdade, o amor,
o sacrificio emfim?

Tambem o diamante
illude, quando é falso, o parvo, o ignorante.
.....
O mar é caprichoso. Às vezes socegado
soluça sobre a areia um pranto magoado
e oscula a rocha nua, sereno, humildemente
como um mollosso bom; comtudo de repente
arqueia o dorso enorme em roucas convulsões,
investe a penedia, e crespos vagalhões —
soluços do gigante — estrugem sobre a praia,
succede um mais feroz ao outro que desmaia.
E o pobre pescador na leve embarcação
vogando sobre o mar, aonde escava o pão,
demanda o porto amigo, o tecto da choupana,
talvez que o desgraçado ha mais d'uma semana
entregue ao seu trabalho abandonasse o lar,
mas volta satisfeito, em breve vai beijar
os filhos, a mulher...

Meu Deus! Que cataclysmo!
Horriavel tempestade! O mar tornou-se abysmo!
No seu medonho uivar é como um cão damnado
e prestes vai sorver o barco já virado!
O naufrago estrebuxa em cima d'uma vaga,
e vai esmigalhal-o a aresta d'uma fraga...
Mas, subito, da costa um velho — um rijo athleta —
às ondas se arremessa, e, leve como a setta,
accorre a disputar o marinheiro exangue...

Um homem e o mar n'um prelio de sangue!

O oceano cede ao vêr tanto heroismo,
é cheio de mysterio o tenebroso abysmo!
.....
É noite. A tempestade em febre violenta
sacode no espaço o açoite da tormenta —
a chuva e o trovão, os ventos da atmosphera,
e o raio que fuzila...

O céo é uma fera!
Eis subido clarão a treva pavorosa
levanta-se a espancar. A chamma vagarosa
mas forte d'um incendio enrosca a triste casa
da solitaria rua. O chão torna-se braza...
o tecto uma fogueira immensa, crepitante...
vai tudo consumir-se, apenas um instante
e nada existe já...

Retine então um grito
profundo, enternecido, angustiado, afflicto,
um grito de mulher... N'um quarto desviado
dormia a creancinha em leito perfumado.
Ninguem arrosta o p'riego... o berço será pira...
Mas não... além um vulto, a quem a dôr ferira
da mãe atribulada, avança p'ra janella
e chega e salta e volta e desce ao longo d'ella!

O innocente dorme um somno angelical,
que vá roubal-o o fogo ao seio maternal!
.....
Corria na cidade um frémito de horror.
Arremettendo ao povo o gladio destruidor,
a morte negra e crua ceifava a existencia —
os goivos da velhice, as rosas da innocencia,
o pobre e opulento, os nobres e plebeus.

Cahira sobre o mundo a maldição de Deus!

Um sopro pestilente, em gelidos tufões
varria os *boulevards*. Nas funebres mansões
do vasto cemiterio ha filas de ataúdes,
coveiros sem descanso — os mercenarios rudes
e artistas do sepulchro...

Então um grito ingente
é a voz da humanidade em preece ao Deus elemente.

Nos grandes hospitaes a irmã de caridade
derrama sobre o enfermo a urna da bondade
que Deus lhe pôz no seio. Formosa como um lyrio,
a virgem delicada entrega-se ao martyrio
sem um queixume só, risonha, docemente...
A vida é um sacrificio e ella não o sente!
.....
São assim os heroes. Obscuros. Sem medalhas.
Nem só os campeões n'arena das batalhas
dão mostras de valor e nobre patriotismo,
se o sentimento é bom, ha sempre o heroismo!

Na guerra e no hospital tornou-se heroe Humberto,
aqui ou acolá sorrira á morte perto,
e o cholera ou a bala abatem igualmente,
é cousa bem sabida aqui por toda a gente.
Valente é um corsario e é salteador;
não causa admiração, inspira-nos horror.
De Sócrates a Sapho ha uma linha immensa;
o penedo e a cieuta indicam sem diff'rença
a mesma intrepidez na morte desastrada;
mas elle foi heroe e ella allucinada!

Na crença, abnegação, valor e caridade
acima do vulgar

ahi a heroicidade!

É bom não confundir o Crime e a Virtude:
aquelle ás vezes mente e esta não illude!

Gulmarães.

Eduardo Carvalho.

O CALIX MAIS ANTIGO DA SENHORA DA OLIVEIRA

Ha na freguezia de S. Martinho de Cadoso um
monumento interessante, de que hei de occupar-me
em occasião e lugar mais proprio. Chama-se o «Pe-
nedo da Moira.»

Por agora darei apenas conta da estranha lenda que lhe anda ligada.

O dono da propriedade, onde fica o penedo, percorria as suas terras n'uma manhã de S. João, e viu em cima d'aquella fraga um objecto, que lhe atrahiu a curiosidade. Era uma pucarinha. Deitou-lhe a mão e ia a afastar-se, quando ouviu uma voz afflicta pedir-lhe com instancia que lhe restituisse a pucarinha — que lhe pedisse em troca quanto quizesse, mas que lhe restituisse a pucarinha.

O proprietario foi seguindo o seu caminho, sem fazer caso das supplicas da Moira. Está claro que era uma Moira.

Então ella, perdida a esperanza de o commover, prophetisou-se n'um assomo de colera que os campos proximos ao penedo nunca mais dariam fructo. E assim aconteceu por muitos annos, até que o pobre homem teve a inspirada idéa d'offerecer a pucarinha á Senhora da Oliveira. E o calix mais antigo que se vê hoje no thesouro da collegiada.

Escusado acrescentar que, depois do offerecimento do mysterioso calix, as terras voltaram a produzir, como d'antes.

Esta lenda foi-me contada pela actual caseira da propriedade.

Ancora, 7 — 8 — 87.

J. Martins Sarmiento.

TRADUÇÃO DE LAMARTINE

(Ao exc.^{mo} Conselheiro Thomaz Ribeiro)

Valle cheio de meus cantos,
Prados, collinas, que amei,
Aguas, que turvei com prantos,
Das aves sonora grey!

Brisa que *ella* embalsamava
Com seu respirar então,
Sítios onde eu lhe beijava
Tanta vez a linda mão!

A vós, onde a dita outr'ora
Encheu já meu coração,
Com lagrimas peço agora
Meu doce passado em vão!

E, contudo, a terra é bella,
Como outr'ora, é puro o ar;
Mas... é que amava-a, a ella;
Não tinha amor ao lugar.

Conde de Margaride.

EXTASIS!

Oh Christo! Oh eterno ideal da bondade suprema e da dedicação infinita! Foste meigo e bom quando confundias os teus sorrisos com os das innocentes creanças que vinham sentar-se

nos teus joelhos; foste conciliador e transigente quando encontraste a samaritana; foste providente e consolador com a viuva de Nahim; foste benigno e moderador com a adúltera; foste benevolento e misericordioso com a Magdalena: tudo isto fez o delicado impulso do bein que da tua palavra ostentou ensinosa e das tuas lagrimas liberalisou balsamos!

N'esses dias felicissimos da tua immaculada existencia os valles enchiam-se de mystico silencio para tu orares, o calix delicado das flôres desentranhava toda a riqueza do seu incensorio para perfumar o ambiente, a relva assetinava-se mais viçosa no tapete que se destendia aos teus pés, a ramagem do arvoredado entretecia-se cuidadosa para te prestar mais sombra, as auras da tarde tinham cordiaes harmonias para juntar á musica da tua palavra fluente, as ondas desdobravam-se com perolas para festoar a barca em que vogavas no Asphaltite, os penedos da praia despiam a natural rudeza para se amoldarem na fórma de te servirem de genuflexorio ou tribuna, a lua espelhava-se no crystal dos lagos em volta dos quaes tu passeavas alheiado e meditativo e o sol dourava os cabeços da collina aonde subias para volver os olhos rasos de lagrimas para a cidade dos prophetas!

Mas na hora solemnisima em que tu, conhecedor do fel de todas as nossas mágoas e dos espinhos de todo o nosso soffrimento, depois de teres denunciado a hypocrisia, sacudido os vendilhões e acovardado a ignorancia dos criticos ineptos, ias a estender os braços para a humanidade n'esse divino amplexo que a unia em paz e amor, nós fomos tão ingratos que t'os prendemos com duros cravos ás inflexiveis hastes d'uma cruz!

E de braços abertos assim estiveste na montanha dos supplicios, onde a humanidade te contempla como deslumbrante sol da graça, que se fixou no meridiano das dedicações supremas, mostrando aos homens que, desde que o espirito de Deus encarnou no barro da humanidade, o homem pôde tambem abrir os braços para abranger no amplexo da civilisação nova os vastissimos horisontes do futuro!

Por isso todas as vezes que eu vejo o symbolo augusto da redempção erguer-se para o culto dos povos na eminencia dos montes, saúdo na cruz os grandes beneficios da misericordia divina e o pharol luzentissimo da civilisação!

Porto, 1887.

PADRE F. J. PATRICIO.

UMA NOTA DISCORDANTE

(Ao meu amigo o exc.^{mo} sur. Caldas, Pa)

Eu acho linda a Penha, seductora,
Menos das minhas pernas tão caçadas
Desde que lá me vi acommettido
D'umas subitas, feias trovoadas.

Achei a Penha linda! e tão poetica
Que até me fez cantar, mesmo a fugir,
O verso de Camões: *aquelle outeiro*
É melhor de descer que de subir.

O mais é muito linda, tentadora,
Menos das minhas pernas, porque, emfim,
Para eu me lá vêr em calças pardas,
Nem com elevador ou palanquim.

Eu acho linda a Penha, pittoresca,
Esplendida, brilhante, inspiradora;
Mas, para me inspirar de taes bellezas,
Nem mesmo lá na gruta da Senhora!

José de Freitas Costa.

OS MONTES

A natureza, alli, não tem um interesse secundario, não se subordina á creatura, não é theatro onde devam figurar heroes; deixa, alli, a sociedade, de ser dogma e religião: sacode-se o jugo; só vivem, por lá, os pastores, no pleno gozo da liberdade, entre-tendo-se com as cabrinhas, de perninha alta, olhos amarellos, e pêllo tão basto que parecem andar de capinha preta, parando aqui e alli, pasmadinhas de curiosidade e de meiguice, roendo uma silva, pascendo uma flôr de alfazema, e, com a boquita cheia de ervas, seguindo, empurradas pelas companheiras, sempre de physionomia espertinha, resignada, melancolica, a correrem nas pastagens como uma mata baixinha de chifres por cima de uma nuvem negra...

Têm culto, os montes. Alli vivem, vestidas de claro, toucadas de flôres silvestres, as fadas, que sabem dar viço e virtude ás plantas destinadas a curar saudades; cantam á noite, á hora do recolher do gado, e os pastores demoram-se, nas quebradas e nas charnecas, esperançados de as avistarem, e perdem o rebanho com o sentido n'ellas, ficando a ouvir-se, pela noite, o tinir dos chocalhos, como se fosse o echo dos montes...

JULIO CESAR MACHADO.

OLHAR

— Sonho de altivo esplendor —
domina-me esse olhar teu,
meu amor.

Não tem nada que o macêle...
lembra o Luar, sobre o Céu,
pelo Azul.

Ó sensitiva, flôr casta,
como o Oceano — esse olhar
prende e arrasta.

Que doído este amor insano...
entre o Sonho, o Azul, o Luar
e o Oceano!...

Coimbra.

Antonio Fogaça.

A ESTALAGEM DOS PADRES

Quando, ha dias, me entretinha com um velho amigo a recordar o pittoresco das nossas antigas jornadas a Coimbra, veio a fallar-se, — este ponto não podia passar desaperebido — da estalagem dos Padres d'Albergaria, d'esses padres que deixaram uma legenda cheia d'anecdotos engraçadas.

Presente um cavalheiro d'aquella povoação referiu-nos o seguinte:

Os padres eram mignelistas intransigentes: o snr. D. Miguel, como elles diziam desbarretando-se em signal de respeito, era o seu rei; não admitiam outro. D. Miguel pernoitara uma vez em casa d'elles, e o quarto ficou desde ahi em diante interdito ao uso de qualquer outra pessoa, só por obsequio especial se mostrava aos correligionarios como lugar venerando.

Em 1852, quando D. Maria II veio ás provincias do norte, teve de pernoitar em Albergaria. Acompanhavam-n'a os dous principes seus filhos D. Pedro e D. Luiz, então crianças.

Não havendo na povoação edificio mais nobre, que podesse receber os reaes viajantes, mandou a camara preparar para alojamento da rainha e dos principes a estalagem dos Padres, e para o marechal Saldanha e estado maior a casa do proprietario mais abastado da povoação.

Apenas a rainha se havia installado nos seus aposentos, appareceu-lhe o padre José com o seu inseparavel lenço vermelho na mão e comprimemto-a sem cerimonia, dando-lhe o tratamento d'excellencia.

O espanto da rainha foi subindo á medida que o padre José lhe ia mostrando em substancioso discurso, acompanhado das respectivas pitadas, que só o snr. D. Miguel era rei legitimo d'estes reinos. Ao espanto succedeu, talvez, o receio, quando o padre exaltado pela propria rhetorica, lhe disse: — Queira v. exc.^a acompanhar-me; vai visitar o quarto onde dormiu o snr. D. Miguel I. E dito, seguiu na frente, recolhido e silencioso como se fôra em caminho d'uma santa peregrinação.

A rainha, ignorando que elle era um bom homem e o mais inoffensivo dos fanaticos, aproveitou o ensejo, e sahiu rapidamente para a rua com os principes.

O marechal avistando-a correu ao seu encontro.

— Aonde está alojado, lhe perguntou ella?

— N'esta casa, senhora.

— Está mal. Cedo-lhe os meus aposentos e vou eu para esses. Trocamos.

E sem mais explicações installou-se n'essa outra casa, passando a comitiva para a dos Padres.

Não nos souberam dizer se o padre José tambem obrigou o Saldanha a visitar o quarto do snr. D. Miguel. É provavel.

O nosso amavel narrador affiançou a authenticidade d'este caso. Vai por sua conta.

Guimarães. — Agosto, 16.

JOSÉ SAMPAIO.

Virei direita do Sér omnipotente
Afirmemos nós, com a luz da fé mais pura,
Essa augusta e formosa creatura.

Maria... doce Mãi de todo o crente.
Vos pés d'ella eu me prostro reverente,
Renovo meus pedidos com fervor,
Invoco protecção da Mãi d'amor
Vem quem levanto a minha prece ingente.

AVE MARIA

Pencello, 10 — 8 — 87.

Padre Domingos Ribeiro Dias.

A PENHA E O SAMEIRO

< Gloria dos olhos.....
..... secretas affeições >

CAMÕES — C. IX. e. XXII. — LUSIADAS.

I. — São montanhas afamadas a **PENHA** e o **SAMEIRO**, que mutuamente realçam a *Guimarães* e a *Braga*.

Ao aspecto magestoso, que a natureza lhes dera; sobreleva-lhes ainda a devoção fervente á **VIRGEM**, patenteada alli nas romagens em canticos devotos, a que póde applicar-se o disticho de **CAMÕES** nos **LUSIADAS**:

«Melodia sonora e concertada,
«Suave a lettra, angelica a toada.

II. — Mas a estas expressões poeticas do canto ix, estrophe xxx; acresce para nós uma circumstancia ainda, que nos força a ennastral-as n'estas linhas a *ambas* — «a essas *montanhas magestosas* do districto de Braga.»

É a sua mutua elevação a cima do nivel do mar, «facilitando assim — *aos romeiros curiosos* — o embebecimento contemplativo d'uma em frente da outra.»

III. — Da pyramide geodesica vimaranense, e na *Penha*, na *altitude* de 616 metros e 98 centimetros; contemplarão os fieis o sóco da estatua bracarense da VIRGEM no *Sameiro*, na *altitude* de 581 metros e 81 centimetros.

Bem hajam da Providencia por isso, quantos nos *dois santuarios* offerecem themas de devoção mutua ao povo:

Que com cem olhos vê; e por onde vóa,
O que vê com mil bocas apregóa.

CAMÕES — c. ix. e. XLIV. — LUSIADAS.

Braga, 10 de agosto de 1887.

O PROFESSOR PEREIRA CALDAS,
(Conterraneo vimaranense).

A TUA CARTA

(AO DR. EDUARDO CARVALHO)

Quando releio a sós, oh minha dôce amada,
A carta, o madrigal, que me escreveste um dia,
Eu sinto dentro em mim os risos d'alvorada
E ouço pelo azul a voz da cotovia...

A tua carta é assim tão meiga e tão singela,
Tão limpida, suave e cheia d'esperança,
Como o aroma subtil de rosa fresca e bella,
Como o sorriso franco e bom d'uma eriança.

A Graça e a Innocencia, irmãs gemeas, unidas,
Fizeram do teu peito a sua habitação;
E depois, n'um momento, alegres, divertidas,
Dictaram-te essa carta em éstos de paixão.

E ella ficou branca e pura e immaculada
Como uma pomba mansa aos vôos pelo céo,
Como gottas d'orvalho ou per'la desfiada,
Rolando devagar d'um coração, que é meu.

Por isso quando leio a sós, oh minha amada,
A carta, o madrigal, que me escreveste um dia,
Eu sinto dentro em mim os risos d'alvorada
E ouço pelo azul a voz da cotovia...

Coimbra.

Alberto Silveira.

PENHA

GRUTA-ERMIDA

Quem não conhece a serra de Santa Catharina e o monte da Penha que lhe fica ao nascente, não conhece a mais formosa

estancia, a mais poetica montanha que pôde possuir uma terra de provincia, uma povoação pequena como é Guimarães, o coração do Minho, o centro do jardim da nossa patria querida. Se igual conjuncto de bellezas, agrupadas na crista d'uma montanha se desenrolassem junto da capital ou proximo d'alguma cidade muito importante não havia *touriste* que a não visitasse, estrangeiro, que não percorresse o seu accidentado terreno, examinando delidamente os colossos de granito que o coroam.

N'este local se levantam penedos sobre penedos por tal fórma encostados, de tal arte firmados, ou, contra todas as leis de equilibrio, suspensos, que o admirador fica maravilhado, surprehendido, ante aquellas fragas escavadas, rochedos sotopostos, que vistos de baixo umas vezes semelham singelas habitações com dependencias caseiras, outras cathedraes erguidas no cerro da montanha e outras castellos roqueiros, com fortificações e defesas, com fossos e parapeitos, com frestas e resguardos, com grutas e cavernas por tal fórma combinadas que mais parecem um centro de refugio que um lugar aprazivel e deleitoso, como é na realidade.

A subida é cheia d'encantos pela diversidade de panoramas, pelo matiz das variegadas côres, pelo deslizar das crystallinas aguas, pelo alvejar de pacificos casaes, pelo cruzar de mansissimos rebanhos e pela formosura d'um céo d'anil que parece suspender-se nos braços robustos de gigantes penedos que ornamentam esta montanha privilegiada.

O horisonte, porém, que do alto se destaca de largas dimensões e extensas visualidades é sobremodo arrebatador.

Em baixo, a noroeste, Guimarães, formosa e sorridente, qual povoação encantada, cheia de vida e movimento, com suas casas e torres, com seus largos e arzuados, com suas fontes e jardins, a dentro e a fóra d'umas altaneiras muralhas, coroada pelo alcaçar do conde D. Henrique.

Ao derredor montanhas, que se divisam atraz d'outras montanhas, como visões que se perdem no infinito d'um espaço, que o raio visual não abarca, semeado aqui e além por formosas povoações e villas notaveis, como Lixa, Margaride, Fafe, Santo Thyrsó, Famalicão, Taipas e Vizella.

Ao norte as cordilheiras do Gerez, ao sul a serra do Marão, ao poente o Atlantico que se desdobra em fitas diamantinas, na direcção da Povoia de Varzim, Villa do Conde, Vianna do Castello e Mathosinhos.

E como centro de tudo isto, como fóco de todas estas irradiações, a Virgem do Carmello, Nossa Senhora da Penha, a sua gruta poetica e singelissima ermida, feita de penedos amontoados, branqueando ao longe tão poetica e graciosa como um bando de pombas pousadas no pinaculo de alpestres cerrancias, prestes a librar-se no espaço em busca do infinito.

Este nucleo de graciosos outeiros, no decorrer das gerações tem sido mais ou menos cuidado e embellezado, a começar no eremiterio do italiano Guilherme, chegando até nós cada vez mais enflorcido pelo cuidado de particulares, pelas esmolmas dos vimaranenses, por uma trindade de dignissimos ecclesiasticos, dois dos quaes alli gastaram o seu dinheiro e a sua vida e ainda nos resta um e o pai venerando d'outro, presidindo, dirigindo e animando a commissão de cavalheiros prestantes e jovens entusiastas, animados pelas bellezas da sua terra natal e que estão á frente de importantes melhoramentos que em breve tornarão este local de facil ascensão, proporcionando aos amadores e crentes dias de plena satisfação e gratissimo convivio.

Celebrar o anniversario do estabelecimento d'essa pleiade de encorajados, eis o fim d'esta publicação.

N'um abraço de sympathia os estreita o humilde admirador

Agosto — 3 — 87.

PADRE ABILIO DE PASSOS.

SERENATA INTIMA

Depois de tanto penar
qualquer dôr me deixa mudo;
rio-me agora de tudo
pois já não posso chorar.

E vou cantando á guitarra,
satyrisando esta vida,
n'uma alegria bisarra
perfeitamente fingida.

Quando chorava abatido
as maguas mais dolorosas,
soavam ao meu ouvido
gargalhadas desdenhosas.

E abandonei esses modos
de um desalento sem fim:
rio de tudo e de todos,
antes que riam de mim.

Seja alegre a serenata,
solte vibrações amenas,
que eu rio das minhas penas
n'uma alegria insensata!

Hei de rir sempre, pois quero
com uma força titânica,
matar o meu desespero
n'uma risada satânica.

Se ás vezes choro, desliso
n'um dilemma singular,
— não sei se choro com riso,
ou se rio de chorar... —

E este riso é já tão forte,
que n'uma raiva crescente,
talvez ria *seriamente*
nos paroxismos da morte!

Por isso eu canto á guitarra
satyrisando esta vida,
n'uma alegria bisarra
perfeitamente fingida...

1887.

E. Sanches da Gama.

GUIMARÃES E A «PENHA»

Na evolução do progresso material d'uma cidade antiga, ha sempre grandezas, recebidas como herança de gerações passadas, que se respeitam pela sua antiguidade e se conservam pela sua superior importancia, assim como ha melhoramentos que se fazem e se desenvolvem na actualidade pelo civismo e dedicada coragem dos emprehendedores que os iniciam.

Guimarães é exemplo palpavel d'esta verdade inconcussa.

Tem as suas obras antigas que venera com respeitoso orgulho e restaura e ampara com afeiçoado

interesse; tem os seus melhoramentos modernos que diffunde e installa com a largueza dos seus recursos economicos e o concurso patriotico dos legitimos filhos.

Essa cruzada de dedicados rapazes, que teve por fundadores duas almas queridas de Guimarães, sympathicas pelas qualidades que as aureolava, respeitadas pelo saber que as enaltecia; essa pleiade de dedicados filhos que se oneraram com o pesadissimo encargo de fazer d'um monte um jardim, da solidão um recreio, da «Penha», emfim, um melhoramento de Guimarães, são o testemunho solemne e eloquente da energia e intensidade com que vibram no coração vimaranense os sentimentos do mais bem radicado patriotismo.

A «Penha» pôde, em verdade, ser um melhoramento de Guimarães destinado a cooperar n'uma importancia superior para o seu futuro desenvolvimento material. Levantada sobre um tapete de maravilhosa vegetação, onde se encontra n'uma promiscuidade encantadora, a arvore agigantada que o tempo tem respeitado, com a riqueza agricola que o industrioso lavrador tem sabido cuidadosamente fomentar, a montanha da «Penha» tem encantos que seduzem, bellezas naturaes que se não descrevem. E só carecem, para que a sua admiração seja extrema e Guimarães os utilize, que a arte os aproveite e a protecção lhes não falte.

Porto, agosto de 1887.

Adelino Costa.

CURIOSIDADES HISTORICAS

É difficilimo isentar-se qualquer pessoa do influxo das idéas ou dos costumes, do meio social em que vive.

Assim succedeu com a corporação dos ourives vimaranenses. Homens de trabalho, parte mui valiosa da grande classe dos que, desde a mais remota e obscura época da idade média, tiveram de aggremiar-se, e de lutar durante longos seculos contra os prejuizos aristocraticos, e contra as oppressões feudaes, das classes dominadoras, quer seculares, quer ecclesiasticas, não resistiram ao contagio das aspirações nobiliarchicas! No capitulo ix dos seus estatutos, confeccionados em 1781, a corporação prohibe que se aceite no seu gremio aprendiz, ou official, que seja: *d'infesta nação, assim como Mouro, Judeu, Mulato, Apostata da nossa Santa Fé, ou Penitenciado pelo Santo Officio, ou filho de homem vil, ou de outras semelhantes qualidades.*

Em França, uma antiga corporação d'officio, tinha um brazão.

A influencia do meio, o contagio, o espirito d'imitação, produz d'estas contradicções flagrantes.

Os nossos bons ourives do seculo passado, n'esta terra de trabalhadores e liberaes, preocupavam-se mais com a procedencia genealogica dos aprendizes ou officiaes, do que

com o seu bom comportamento, delicadeza de trato, illustração ou dotes d'espírito. Fraquezas!

Acelino Guimarães.

A ESCÓLA

A escóla antiga, abrindo as portas só ás classes ricas, representava a escravidão do pensamento. A escóla moderna, a escóla popular, representa a emancipação da natureza humana. Todas quantas reformas possam cair em partilha a este seculo, todos quantos descobrimentos possam ter sahido do espirito dos homens, são nada em comparação com a escóla primaria universal, redempção de todos e de cada um. A nova escóla deixou de ser um effeito, para ser uma causa. Em vez de pallido reflexo da defeituosa organização social, é, pelo contrario, quem inspira a luz e encaminha o destino das nações.

D. ANTONIO DA COSTA.

FOLK-LORE DA OLIVEIRA

(Duas legendas)

Conta Herodoto (Liv. VIII, 54 e 55) que Xerxes, tendo occupado Athenas e incendiado a cidadella, mandára que os exilados athenienses, que o acompanhavam, fossem fazer alli os sacrificios segundo os seus ritos. Ora na cidadella havia um templo consagrado a Erechteus, filho da Terra, onde se via «uma oliveira e um mar.»

O incendio, destruindo o templo, queimou tambem a arvore: mas os banidos, quando entraram no recinto, notaram com espanto que tinha já lançado um rebento d'um covado de comprido.

Compare-se com esta a que se encontra em Guimarães.

Wamba — o suevo, lavrando placidamente o seu campo, como lhe annunciasssem que os godos o tinham feito a elle — pobre camponio, rei da Hespanha, espetára no chão a aguilhada secca d'oliveira e disséra — «Quando esta vara der rama, serei eu rei Wamba.»

E de facto a vara, reverdecendo, vestiu-se de vergontas.

Na legenda portugueza talvez se possa vêr tambem (Tacitus, De Sit. m. et Pop. Germaniae) o antigo costume teutonico de *deitar sortes* com ramos d'arvores fructiferas.

Agosto 9, 1887.

ALBERTO SAMPAIO.

Não é fóra de proposito consignar algumas notas historicas relativas á Penha em uma publicação destinada a celebrar uma data de fecundo progresso para este formoso sitio. É o que vamos fazer e será este o nosso obulo no meio de tantas riquezas.

No mez de setembro de 1702 alojou-se n'este local o eremita Guilherme, italiano, que deu principio ás grandezas da Penha.

Em 5 de janeiro de 1709 a camara de Guimarães deferiu o requerimento, em que o eremita supplicava a concessão de diferentes porções de terreno e agua.

Ao fallecimento de Guilherme occuparam a Penha, por legado d'este, os religiosos carmelitas calçados, que alli edificaram um hospicio a que primeiro superintendeu o rev. fr. Joaquim de Santo Elias.

Em 3 d'abril de 1732 é expedida uma provisão regia ordenando que seja dada posse da Penha ao referido carmelita, de que fóra esbulhado pelos religiosos da Costa, sendo a posse conferida em 23 de junho do mesmo anno.

Em 26 de fevereiro de 1734 são registados na camara os documentos relativos ás pertenças e posse da Penha pelos carmelitas.

Em 2 e 31 de dezembro de 1748 foi a ermida da Virgem visitada pelo arcebispo D. José de Bragança.

Em 9 d'agosto de 1869 colligam-se os rev. dos Abreu, Caldas e Carvalho para iniciarem a restauração e embelezamento da Penha.

A 23 de julho de 1871 é solemnemente benzido o primeiro *passo*, que representa a Coroação da Virgem.

Em 23 de março de 1872 são approvados os estatutos da nova irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha.

Em 21 de julho do mesmo anno é benzido o *passo*, que commemora a Assumpção de Maria, em julho de 1873, o terceiro e até hoje ultimo, que deve representar a Morte da Virgem.

Em 17 de julho de 1881 forma-se na Penha a comissão central promotora do monumento a Pio IX.

Em 18 de junho de 1882 o arcebispo D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa lança a primeira pedra ao monumento de Pio IX.

N'este mesmo dia é benzido pelo arcepreste d'este districto ecclesiastico a nova capella do Relicario, que fóra concluida em igual-mez do anno anterior.

Em 28 de setembro de 1884 são conduzidos para a Penha os primeiros carros de pedra aparelhada, em numero de 60.

Em 29 d'agosto de 1886 installa-se a COMISSÃO PROMOTORA de melhoramentos, cujo primeiro anniversario esta publicação solemnisa.

Em 5 de janeiro de 1887 a camara municipal vota a quantia de 2:000\$000 reis para a construcção d'uma estrada a partir do oratorio do Senhor dos Serodios.

Em 16 de maio de 1887 inaugura-se a construcção do primeiro lanço de escadas, que, completas, estabelecerão a communicação entre o *terminus* da estrada e as capellas.

Em 13 de junho de 1887 é solemnemente benzida a fonte, alimentada pela agua vinda da fonte de Santa Catharina.

Tagilde, agosto de 1887.

OLIVEIRA GUIMARÃES.

Trabalhar para o aformoseamento da serra da Penha é concorrer para o progredimento do concelho de Guimarães.

E na época actual, em que este importante concelho se tem affirmado perante o paiz em projectos demonstrativos de iniciativa larga e fecunda e em empreendimentos comprehensivos de admiravel patriotismo, seria uma falta imperdoavel que ficasse no desamparo a pittoresca serra da Penha que todos os dias, voltada para Guimarães, na sua linguagem muda mas eloquente, implora justas attentões e merecidos desvelos dos seus habitantes.

Aquella serra, na sua excellente situação, tem a formosura nativa que lhe vem da natureza, mas vislumbra-se-lhe na frente dolorida a melancolia que lhe vem do

abandono. Nem arvores que a espaços lhe dêem grata sombra; nem fontes que a intervallos lhe murmurem suavemente; nem um manto de verdura a cobrir-lhe a epiderme resequida; nem estradas aonde passeiem alegres viandantes!

Linda... mas pobre e abandonada!

Gentil e donairoza... mas só e desvalida!

E ha de consentir isto a nobilissima cidade de Guimarães?!

Vieira d'Andrade.

BALLADAS EM PROSA

A pastora dos cantares

I

Lá no alto da Penha, no pincaro mais esguio da serra, que parece pendurado no céu, por um véo de nuvensitas brancas feitas de gottas de orvalho e raios de luz, a pastora dos cantares vestida de madre-silvas e coroada de folhas de hera, fresca e robusta, rosada como os morangos, loura como os trigaes, levanta-se com a aurora, abre os grandes olhos azues languidamente, cõra e empallidece mesmo como a aurora no horisonte, lá no alto da Penha, no pincaro mais esguio da serra, que parece pendurado no céu, por um véo de nuvensitas brancas, feitas de gottas de orvalho e de raios de luz.

II

Quando a cotovia em espiraes ligeiras esvoaça pelas alturas, como que a pedir ao azul luz, muita luz, vibrando um ineffavel concerto matutino em dueto com a estrella da manhã, ella contempla a paisagem da terra, feita de massigos de verdura, e vai banhar-se nas tinas de crystal que as perolas de orvalho formam nos estôfos de musgo e nas folhitas daservas, e cumpri-menta as borboletas e os reptis que lhe respondem na sua linguagem rude, sorve os perfumes das flôres agrestes que vivem lá pelas urzes dos montes; e depois de resar a oração da manhã pelas contas, que a fonte crystallisa, desviando-as do seio da rocha, sauda entusiasticamente a natureza inteira, enviando-lhe um canto fresco e luminoso como o som metallico de um clarim, lá quando a cotovia em espiraes ligeiras esvoaça pelas alturas, como que pedindo ao azul luz, muita luz, vibrando um ineffavel concerto matutino em dueto com a estrella da manhã.

III

Depois á tarde, quando as côres sombrias e pallidas do crepusculo se esbatem pelos outeiros e o sol como uma enorme aguia de oiro, morrendo pelo espaço sacode, n'uns estrebuxamentos moribundos as suas azas rutilantes pulverisando de oiro os topos das montanhas, ella, a pastora dos cantares, recostada dolentemente na macia rede de verde-escuro, baixa o rosto entristecido e interrogando os seus leaes companheiros, os animaesitos do monte, e as flôres dos valles e as rochas de granito, e os gemidos da fonte, e as brisas que perpassam e conta-lhes a historia triste de uns amores passados, extinctos por uns caprichos ligeiros do namorado, e, arquejando-lhe o peito com volupia e saudade, soluça melancolicamente e commove as florisitas e as aguas e os vassallos do seu palacio e até as proprias rochas, lá pela tarde quando as côres sombrias e pallidas do crepusculo se esbatem pelos outeiros e o sol como uma enorme aguia de oiro, morrendo pelo espaço, sacode n'uns estrebuxamentos moribundos as suas azas rutilantes, pulverisando de oiro os topos das montanhas.

IV

Mas quando a escuridão passa a aguada lugubre pela tela do espaço e

as aves da noite, vigilantes como o pensamento, gemem um miserere de magoas nos ramos dos pinheiros, lá pela quebrada das serras, ella, despedindo-se com a oração da noite do tecto azul cravado de pregos de prata, recolhe-se á sua alcova cavada nas rochas, aquella gruta sombria, medonha e bella, architectada em columnas toscas de granito, que parecem gigantes negros abraçados n'um amplexo de paz, e na sombra e na tristeza, deita-se e dorme tranquillamente; ora sonhando umas phantasias orientaes, ou sensações voluptuosas quando a lua cõa um raio pallido e morno pelas florestas da gruta; ora sonhando um pesadello horrivel e magestoso, quando a orchestra da tempestade açoita a floresta e a penedia, em accordãos de desespero, lá quando a escuridão passa uma aguada lugubre pela tela do espaço, e as aves da noite, vigilantes como o pensamento, soluçam um miserere de magoas nos ramos dos pinheiros, lá pelas quebradas da serra.

V

Uns chamam-lhe a pastora dos cantares, outros a rainha dos bosques, outros a poesia bucolica e eu chamo-lhe a minha amada, áquella que lá no alto da Penha, no pincaro mais esguio da serra namora e canta a natureza, os encantos agrestes das collinas, a solidão das grutas, os gemidos das fontes, os matizes das flôres, as ramagens das florestas, as searas dos campos, e ri com a alvorada, e suspira com a tarde e entristece com a noite e canta e canta... ora faz adormecer a alma em sonhos de delicias, ora a faz voar, voar... em azas de luz pelo espaço fóra... uns chamam-lhe a pastora dos cantares, outros a rainha dos bosques, outros a poesia bucolica; e eu chamo-lhe a minha amada.

Caldas de Vizella — Agosto — 1887.

Braulio Caldas.

AGUA E ARVORES

Tenho aqui ao pé da porta meia duzia de arvores, que são um encanto. Quando, no fim d'um d'estes dias estuantes, que vão passando, me deixei ficar a seguir com a vista os recortes, extremamente finos e delicados da sua copa, na superficie crivada de estrellas do azul; ao mesmo tempo que ao lado um pequeno ribeiro vai empurrando as suas aguas modestas n'um murmuro refrigerante e monotono; eu lembro-me então de quanto seriam benemeritos aquelles que conseguissem encher de arvores e agua os dominios da capellinha de Santa Catharina. As arvores por via da agua, a agua por via das arvores.

Outras vezes, n'esta mesma dôce contemplação da eterna belleza, n'um completo abandono de todo o sêr ás virações da aragem e da phantasia, assalta-me repentinamente uma infinita saudade dos frades, esses grandes amigos das arvores e da agua. De facto foram elles e foi assim que se fez. Bom Jesus, assim o Bussaco, assim a Pena de Cintra. E assim tambem se fez a Costa. Meditemos aqui nas fatalidades da historia! Porque não havia a boa rainha D. Mafalda de ir fazer o seu mosteiro no alto da Penha, ou porque não teriam os nossos jeronymos os mysticos arroubos dos solitarios da Beira? A estas horas não faltaria nada para que houvesse ahi uma estancia de verão, pittoresca e deliciosa, que seria o refrigerio (bem necessario refrigerio!) dos pobres vimaranenses alagados em suor.

Taipas, 9 — 8 — 87.

D. LEITE DE CASTRO.

MEUS CAROS AMIGOS.

Pedem-me v. um artigo para o jornal que vão publicar, e cujo producto é destinado a auxiliar os melhoramentos empreendidos na nossa formosissima *Penha*, por um grupo de vimearanenses illustres e acrisoladamente dedicados a todos os engrandecimentos da sua terra.

O convite não podia ser mais lisongeiro, e representa o cumulo da amabilidade para com a minha insufficiencia.

Agradecendo, porém, tão subida distincção, devo francamente declarar-lhes, que me puzeram em grandes embaraços.

Nemo dat quod non habet.

E eu que nunca escrevi sequer um triste communicado a favor ou contra o regedor da minha freguezia; eu que tremo só de ouvir fallar no *publico*, esse temivel anonymo de quem ouço contar cousas horripilantes, a todos os que já ousaram defrontar-se com elle, eu, vejo-me obrigado a dizer-lhes singela mas convictamente, que aprecio infinitamente a sabedoria encerrada no conhecido proverbio — *quem o alheio veste na praça o despe.*

E tão meu conhecido é elle, que até hoje, graças ao bom Deus e tambem e não pouco ao meu sabio amigo Sancho Pança, ainda me não vi compromettido em tão indiscreta como ridicula situação.

Ainda se v. me pedissem um discurso!?

Não quer isto dizer, que eu me julgue precisamente um Cicerone ou um Demosthenes, pretensão aliás nada desconforme nos tempos presentes, como poderão verificar pela simples leitura dos boletins parlamentares nos jornaes da capital.

Tutti marchesi!

Mas emfim o meu officio é o de — *orador* —, e quando se torna preciso, *clopin-clopant* lá vou andando por todas as provincias da publica administração.

Agora um artigo, isso não.

Adoro a litteratura, admiro prodigiosamente os litteratos, quando elles são da pujança de Camillo, de Eça de Queiroz ou Chagas; mas, força é confessal-o, pelos mysterios sublimes d'essa arte, em que elles são mestres, conservo a mesma piedosa ignorancia e supersticioso respeito, que como catholico me confundem os insondaveis mysterios da nossa religião.

Depois sobre que poderia eu escrever?

Ácerca da *Penha* não me atreveria, pela simples lembrança de que n'esta occasião o assumpto vai por certo ser explorado pelas brilhantes pennas de tantos vimearanenses já conhecidos no mundo das letras, e que não admirando menos do que eu as bellezas d'aquelle encantador sitio têm ainda a vantagem de as conhecerem muito melhor.

Sobre politica e para uma publicação no genero da que pretendem dar a lume, era *shocking*.

E no emtanto seria essa a minha unica tentação. Além de aproveitar o ensejo, sempre bemvindo, de dar mais uma sóva no snr. Marianno de Carvalho ou no partido progressista, procuraria collocar uma nova pedra no já bastante *elevado* edificio da minha fortuna politica.

Isso, porém, inquinaria de partidaria e *regeneradora* a publicação, mallogrando-lhe talvez o seu primordial intento.

Recordando-me pois e sempre dos avisados conselhos do meu amigo Sancho, julgo muito melhor para nós todos o confessar eu publicamente a minha inópia, em lugar de me metter a litterato de agua doce.

Com o que presto mais uma vez publica homenagem aos principios de toda a minha vida — odio a todas as hypocrisias, guerra a todos os pedantismos.

FRANCO CASTELLO BRANCO.

DESENGANO

N'uma manhã primaveral visitei a *Penha* formosa, não só para lenitivo de magoas lancinantes que me punham devéras, mas tambem com o firme proposito de escrever alguma coisa ácerca d'aquella estancia coroada de bellezas.

Cheguei lá fatigadissimo. Depois de contemplar de relance o horisonte magestoso, olhei em roda e cahi desalentado no dorso d'uma pequena rocha!

Nunca, disse a minha consciencia, nunca descreverás o manto de granito que enrola esta montanha soberba! Nunca pintarás o horisonte vastissimo que se desdobra imponente com todas as fascinações do deslumbramento. Escuta a minha voz sincera e franca: eu tambem sinto a tua dôr, eu tambem soffro com o teu soffrer; mas tu não podes... Precisas da mestria de Velasquez, do genio de Murillo, do primor de Raphael, da inspiração de Miguel Angelo, do cinzel de Phidias, do buril de Praxiteles, do compasso de Bramante, da sensibilidade de Leo, do fogo de Jamelli, das ardencias de Pergalozze, da phantasia de Gallupe, do gosto de David Peres, das tristezas de Mozart e das doçuras de Rossini! Possuindo tu os predicados famosos d'aquelles vultos ingentes, serias, quando muito, um apologista trivial da belleza d'aquella serra, que sustenta uberrimamente tudo o que ha de mais grandioso para o BELLO: exercer a sua acção omnipotente nas conquistas gloriosas da arte; porque no bojo d'este monte palpita toda a sublimidade do còsmos.

Depois... desci triste e meditando pela encosta da serra, sob o peso d'um desanimo atroz: abandonei para sempre o meu sonho dourado: a descripção fiel d'aquelle lugar ameno como um concerto de philomelas, deleitoso como um jardim phantastico, eloquente como a voz da natureza.

Queres saber, *touriste*, o que é a serra da *Penha*? Que formosuras contém? Que sentimentos desperta?

Vai lá.

Ao venceres o pendor da collina a natureza offerece-te uma cadeira de granito, forrada de avelludado musgo; assenta-te um pouco, enxuga o suor; contempla o levante do sol que reponta através dos roseos cortinados da aurora, e ao divisares as rendilhções aurifulgentes nas cuspides das montanhas longinquas, ficarás enleiado como os incas vetustos das regiões peruvianas, quando na face dos lagos das suas grandes florestas adoravam a lua irrequieta, tremente e nervosa. Depois contempla as penedias da planura que o sol vai palhetando de ouro, e veremos se tu quando chegares á velha Araduca concordarás commigo — a Penha é indescriptivel.

P. J. A. F. G.

SONHO?!

Um meu amigo, membro prestante da commissão de melhoramentos na Penha, havia-me fallado para escrever duas linhas para a *Aurora*; pensando em que moldar estas linhas, fui vê-la da janella, e, ao fital-a soberana por de sobre campinas a sorrir-lhe e topando com a crista granítica, alcançada, as nuvens a segredar-lhe, comparava-a, mentalmente, no mundo physico, á estatura colossal do genio no mundo moral. As medioeridades, em baixo, rastejando o pó mordido das paixões pequenas; elles, os aureolados do genio, pairando lá muito acima, em região onde não chegam as vistas dos myopes do sentimento, onde não tacteiam os cegos do positivo: e a Penha, então, entre as montanhas, representava-se-me aureolada d'essa grandeza.

José Estevão comparára os heroes aos rochedos sempre batidos do mar... mas a Penha tem como elles o coração granítico — não podem ulcerar-o os vermes da terra, — tem fundas, profundissimas raizes no sólo — não a estremeceem as iras da tempestade; chega-lhe de baixo o echo das multidões e ella, como o espirito genial, não deixa seduzir-se: tem mais alto o seu affecto: abraça, ainda na aurora o sol, que a opulenta e canta, pela noite, as estrellas que a circumdam.

Demais, lembrava-me, ella mostra de longe, alvinitente, o signaculo da crença, solta nas brisas carmes de amor, defende do alto os filhos da cidade... mas lembrava-me tambem... é uma realeza natural, despida, quasi desconhecida. Feriu-me um raio de tristeza e senti-me adormecer no leito n'uma esperança.

*

Alvorecia o dia 29 de agosto.

Na Penha um grupo de rapazes dedicados labutava os preparativos de uma pequena festa.

Em Guimarães uma azafama inaudita inspirada por uma palavra só — á Penha. A cidade como que emigrára para a montanha. Envolvidos ainda na gaze finissima da madrugada subiam lentamente caravanas successivas os pendores da serra, e desenhavam-se mais longe, n'uma como ecliptica branca, astros negros assodados em ondas de poeira: eram os trens galgando a nova estrada.

A multidão subia, e, facto singular! dilatava-se a cidade, opulentisava-se o panorama, expandia-se o coração mais e mais: « as bellezas da Penha reflectiam-se por toda a parte. »

A multidão subia; ao chegar lá, o sol tendo varrido com azas de fogo, sombras e véos, illuminava de esplendores as aguas e as flôres, a gruta da Virgem e o coração de milhares de entusiastas crentes, tantos eram os visitantes. Eu sentia desabrochar a esperança n'uma gloria: sentado n'uma pedra segredou-me o coração: lá vai a aurora, mas desponta o sol que ha de transformar a Penha — e acordei.

*

Deus queira que o meu sonho não seja um sonho!

Penacova.

Padre M. L. Martins.

Quando a natureza, de mãos dadas com a arte, se ostentar risonha no cume da serra de Santa Catharina, e nos convidar a gozar ou o fresco das suas grutas ou a sombra dos seus arbustos, nós, extasiados perante aquelles rochedos, que parece quererem elevar-se até ao infinito, admiraremos mais uma vez a grandeza de Deus, e n'uma prece fervorosa manifestaremos a nossa admiração!

Attentando depois nas obras, que a mão do homem alli foi collocar, nós, reconhecidos, bemdiremos essa pleiade de incansaveis trabalhadores, por cuja iniciativa se juntou o artisticamente formoso ao naturalmente bello; pronunciamos bem alto a palavra — gratidão; e aos hymnos de agradecimento entoados pelo homem, juntar-se-ha a repercussão das rochas, que irão como que segredando umas ás outras a expressão do reconhecimento humano para com aquelles, que trabalham por amor da Religião e da Patria.

Gaspar Roriz.

A PRIMAVERA

Já se despediu de novo esta refulgente estação do anno; já passaram os agradaveis noventa e um dias que formam o prazo do seu tão rapido como gentil decurso.

É mais que surprehendente, mais que portentoso, o influxo que esta encantadora quadra exerce sobre todos os seres existentes n'este orbe.

Todos querem receber condignamente, todos querem solemnizar o feliz regresso d'essa agradável e inclita mensageira, que tão jubilosamente nos vem anunciar a conclusão dos dias agrestes e tetricos, e o regresso das venturas e prosperidades. As arvores revestem-se das côres mais vivas, mais seductoras com que a natureza as dotou. As ternas avesinhas desencadeiam junto aos frageis domicilios, onde o fructo de seus carinhosos amores é guardado com uma vigilancia e assiduidade admiraveis, os mais brilhantes trinados, os mais assombrosos gorgeios que é possível extrahir da sua debil compleição. Os montes adornam-se com uma côr verde, tão bella, que deslumbra a vista, a atmospherá tolda-se de um azul que a torna deslumbrante, finalmente tudo, tudo se cobre de galas, tudo respira felicidade desde o momento que somos mimoseados pela fausta visita d'esta sorridente estancia!...

*
* *

Não é no silencio das salas que se contemplam as innumeradas maravilhas da natureza, não é no silencio das salas que se admira a suprema grandeza de Deus, não; é nos campos; é ahi onde se observa a existencia de tantos mysterios; é ahi que se ouve o confuso e aprazível chilrear de milhares de passarinhos que jubilosamente saltam de haste em haste, de ramo em ramo, em qualquer frondosissima arvore, que a destruidora corrente dos seculos tem deixado impune; é ahi que se sente um ineffavel bem estar, uma tranquillidade extraordinaria que arrebatada a imaginação e exalta o espirito; é ahi que toda a nossa organização, inebriada pelo rescendente aroma que em turbilhões vaporosos se desenvolve das plantas em flôr, se eleva em gradações amenas até ás mais ignotas regiões do esquecimento e da illusão!...

O sol que dardeja seus raios pelo espaço, quebra-se de encontro aos penhascosos outeiros, e, benéfico, espalha pela extensão um calor bemfazejo que traz a vida a milhares de seres, que entorpecidos pelos rigores do frio, jaziam em completo estado de inacção.

Não é pelas alvoradas da primavera, quando ainda tudo repousa, que nos sentimos deliciados, e que da summidade de orgulhoso monte contemplamos arrebatados, paisagens desconhecidas, phenomenos ignorados?...

Não é então, quando os dias se vão prolongando dilatadamente, e os occasos possuem o sentimento e a profunda tristeza de uma dolorosa e infinda despedida, que é encantador seguir pelas avenidas silvestres que nos conduzam a ermos longinquos, situados na solidão?...

É a bondade infinita da natureza transmittindo-nos immensa ventura, é a felicidade amena sorrindo-nos como adorável criança a quem ternamente acariciamos!

Primavera, eu te saúdo!

L. M.

—•••—

Ao nosso inseparavel companheiro dos melhoramentos da Penha, snr. Antonio José Ferreira Caldas, foi ha dias enviada a seguinte carta:

Meu prezado amigo:

Incluso uma *guia do caminho de ferro*, constante de um caixote com um quadro photographico.

Permitta-me v. que eu por sua intervenção, offereça esse quadro á illustre commissão da Penha.

Significa apenas, a minha singela offerta, uma provada consideração pela demonstração d'estima que ultimamente nos prestaram, bem como um pequeno feudo da minha admiração pelas bellezas naturaes do monte da Penha.

Assigno-me com todo o respeito e consideração

De v. etc.

Porto 18 de agosto de 1887.

Eduardo Alves Salazar.

Nós, em nome da commissão promotora de melhoramentos na Penha, agradecemos penhoradissimos ao distincto amator photographico a primorosa offerenda com que a honrou; assim como tambem nos confessamos reconhecidos pelas attenções que nos tem dispensado desde a primeira vez que visitou a nossa formosa Penha.

OS PROMOTORES.

CHI DURA LA VINCE

O conceituado proverbio italiano que me serve de epigraphe encerra uma verdade incontestavel—*com tempo e paciencia tudo se alcança.*

Isto demonstra-o exuberantemente a benemerita *Commissão promotora de melhoramentos na Penha*, na

actividade que emprega para o embelezamento de tão formosa estancia.

Nunca se imaginou o impulso que esta commissão daria aos seus trabalhos; e no entanto, a Penha, esse castello enorme de granito feito pela natureza, que parece ameaçar com seus pinaros a immensidade do espaço, outr'ora semelhante a uma cidade em ruinas, está hoje assistindo á remoção dos seus escombros roçados no decorrer dos seculos pela aza devastadora do tempo, e dentro em pouco será o santuario magestoso que a mão do artista poderá desenhar na tela mais surprehendente.

A *Aurora da Penha* commemora hoje o dia em que um grupo de mancebos entusiastas por tudo quanto é progresso se constituiram em commissão, a fim de arrancarem ás garras do esquecimento este primor com que a natureza dotou Guimarães, a velha e primorosa reliquia da monarchia portugueza.

E assim foi. A Penha tem-se tornado conhecida em todo o Portugal e suas dependencias; quer pelo echo do nome que a imprensa leva a toda a parte; quer pelos illustres visitantes que aqui têm vindo expandir as suas impressões; e se a commissão continuar, como até aqui, a merecer a coadjuvação de todos os vimaranenses e mais pessoas que sabem louvar estas emprezas, é possível que, dentro em breve, vejamos esta formosa serra transformada n'um verdadeiro oasis onde se possam passar momentos felizes, na quadra em que a vida nos pede gozos. *Chi dura la vince.*

Ainda ha pouco tempo a agua rareava alli extraordinariamente e só com grande difficuldade se conseguia, pela distancia a que se encontrava em diferentes pontos da serra. Hoje, porém, já assim não acontece.

No *largo da Commissão* ha, no centro d'um penedo verdadeiramente inacessivel, uma fonte que deslisa em torrentes de agua fresca e purissima que, posto não seja a fonte milagrosa de Moysés, brotando no deserto ao poder da sua vara, será no entanto a fonte consoladora dos romeiros, para que não desfalleçam á sêde como os tristes filhos de Agar.

Em face d'esta fonte mysteriosa, Plinio, enlevado na sua contemplação, exclamaria como outr'ora: *Fontem numen in est*, porque nenhuma como esta se torna merecedora da habitação d'uma divindade.

A Penha tem lugares sombrios e ridentes que a natureza produz e a arte aperfeioa e onde os poetas poderão vibrar a lyra na inspiração dulcissima dos seus cantos.

Braulio Caldas, quando em agosto de 1885 visitou esta montanha, a queda da agua que então brotava invisivelmente no rochedo de Santa Catharina, inspirou-lhe os seguintes maviosos versos que vão ser gravados no lugar da nascente:

Murmura, fonte, murmura,
É brando o teu murmurar;
Que meiguice, que ternura
Tu tens n'esse soluçar.

Cada gotta do teu pranto,
Que sobre esta penha cae
É uma perola de encanto
Que pela terra se esvae.

Murmura, fonte, murmura,
Geme transida de dôr;
Teu pranto — a própria doçura —
Diz saudade, diz amor.

Por esta occasião, ao transpôr a gruta do padre Caldas, de saudosa memoria, acudiram-lhe espontaneamente aos labios estes versos que vão tambem ser gravados no seu lugar competente:

Esta gruta é um poema
De suspiros doloridos:
Tem coração estas rochas,
Estas rochas dão gemidos.

*

Apesar de haver, como fica dito, uma fonte no *largo da Commissão*, não ha ainda a agua sufficiente para a rega das plantas e abastecimento dos lagos.

É pois necessario exploral-a, e essa exploração, embora muito dispendiosa, deve principiar-se.

No espaçoso planalto não será por certo assaz difficultosa a descoberta de grande numero de veios que circulam em varias direcções da serra, muito principalmente nas ondulações do terreno, nos pontos onde os vegetaes se conservam viçosos durante a estação calmosa e n'outros onde a lentidão se manifesta á superficie do sólo. Coragem e amor patrio! Eis tudo o que é preciso para a consecução do nosso fim!

E d'este modo poderemos dizer depois ao paiz como o nosso épico:

Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

Albano Bellino.

OS BENEMERITOS DA PENHA

Em nome da comissão promotora de melhoramentos na Penha, a que nos honramos de pertencer, cumpre-nos o dever de tributar o nosso profundo reconhecimento a todas as pessoas que têm coadjuvado a mesma comissão, com especialidade aos exc.^{mos} snrs.:

Antonio Martins Ferreira.
 Conde de Margaride.
 Augusto Leite da Silva Guimarães.
 Domingos Martins da Costa Ribeiro.
 Dr. Avelino da Silva Guimarães.
 Dr. Adelino Adelio Leão da Costa.
 José Antonio Ferreira.

A este numero pertencem tambem os illustrados cavalleiros que tão promptamente se dignaram acceder ao nosso convite, honrando as columnas d'este jornal com as suas precias produções.

OS PROMOTORES.

Comissão promotora de melhoramentos na Penha

PRESIDENTE,

Albano Ribeiro Bellino.

THEZOUREIRO,

Albano Pires de Sousa.

1.º SECRETARIO,

Simão Duarte Mendes Guimarães.

2.º SECRETARIO,

Manoel José Cerqueira Junior.

COBRADORES,

Casimiro Urbano.
 José Pedro da Costa Roriz.
 Francisco Raymundo de Sousa Guise.
 Alfredo Augusto de Mattos.
 Bento Nobre.

José Maria d'Oliveira.
 Manoel Ribeiro Guimarães.
 Manoel d'Oliveira Guimarães.
 Antonio José Baptista Guimarães.
 Domingos José d'Oliveira.
 Antonio José da Costa Rainha.
 Luiz de Pina.
 João Silverio.
 Manoel Corvas d'Azevedo.
 Antonio Fernandes.
 Simão Ribeiro.
 Jeronymo Antonio Felix.
 Antonio da Silva Pinheiro.
 Henrique da Costa Guimarães.
 Manoel Frederico.
 João José d'Abreu Bulha.
 Benjamim José Fernandes.
 Francisco José Alves Mourão.
 Domingos Luiz Pereira.
 Joaquim José da Silva Mauricio.

VOGAES,

Antonio Maria d'Almeida.
 José Pedro Pereira.
 Albino Pereira Cardoso.
 Antonio Neves Ferreira.
 João Baptista Pimenta.
 João Fernandes de Mello.
 Agostinho Alves Basto.
 Manoel Bernardo Alves.
 Antonio de Sousa e Silva Basto.
 Joaquim Ribeiro da Silva Reis.
 Francisco José da Silva Guimarães.
 Francisco Duarte Gonçalves.
 Silveste Gomes Teixeira.
 Zeferino José Ribeiro Cardoso.
 Lucinio Fernandes da Trindade.
 Manoel Pinheiro Guimarães.
 José Mendes da Cunha.
 Antonio d'Araujo Salgado.
 Joaquim Penafort Lisboa.
 Jeronymo José Leite Mendes.
 Antonio Ribeiro Varandas.
 Alfredo d'Oliveira Neves.
 Antonio da Costa Guimarães.
 José de Freitas Guimarães.
 José Freitas da Costa Soares.